

RUA CAFÉ FILHO - Decreto nº 6468 de 16-04-1981  
DÁ DENOMINAÇÃO A LOGRADOUROS PÚBLICOS  
DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

ANDY I. JONES - 1



O Prefeito Municipal de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-Lei Complementar Estadual n.º 9, de 31 de Dezembro de 1.969 (Lei Orgânica dos Municípios), e

CONSIDERANDO que o artigo 8.º do Decreto 3476, de 11 de setembro de 1.969, com a redação que lhe foi dada pelo Decreto 5690, de 14 de maio de 1.979, concede ao Executivo a prerrogativa de denominar próprios, vias e logradouros públicos, independentes de manifestação da Comissão criada para opinar sobre a matéria, desde que haja indicação de vereadores integrantes da Câmara Municipal;

CONSIDERANDO existir indicação nos termos do referido diploma legal;

CONSIDERANDO que aos membros do Legislativo cabe a honrosa tarefa de colaborar com o Executivo na indicação de nomes de próprios, vias e logradouros públicos e que o seu judicioso critério de escolha é acatado pelo Executivo sem restrições:

DECRETA:

ARTIGO 1.º - Ficam denominados os seguintes logradouros públicos:

I- RUA PRESIDENTE "JOÃO GOULART" a rua 133 do Jardim Chapadão - Cont. com início na Rua 136 e término na Av. Getúlio Vargas.

II- AVENIDA "JANIO DA SILVA QUADRÓS" as Ruas 134 e 135 do Jardim Chapadão - Cont. com início na Rua 133 e término na Rua 137 do mesmo loteamento.

III- RUA "EURICO GASPAS DUTRA" a Rua 136 do Jardim Chapadão - cont. com início na Rua João Carlos do Amaral e término na rua 137.

IV- RUA "CAFÉ FILHO" a Rua 138 do Jardim Chapadão - cont. com início na Rua 133 e término na Rua 136 do mesmo loteamento.

ARTIGO 2.º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Campinas, 16 de abril de 1.981.

DR. FRANCISCO AMARAL  
Prefeito Municipal de Campinas

DR. CARLOS SOARES JÚNIOR  
Secretário dos Negócios Jurídicos

DR. DARCY STRAGLIOTTO  
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito com os elementos constantes do protocolado n.º 34687/81 em nome do Vereador Rui Amaral Gonçalves de Carvalho e Outros, na data supra.

ARY PEDRAZOLLI  
Diretor do Dpto. de Expediente  
do Gabinete do Prefeito

DECRETO N.º 6468, DE 16 de abril de 1.981

NO INCISO I DO ARTIGO 1.º, ONDE SE LÊ:

I- RUA PRESIDENTE "JOÃO GOULART"...

LEIA-SE:

I- RUA PRESIDENTE "JOÃO GOULART"...

NO FINAL DESTES DECRETOS, ONDE SE LÊ:

...com os elementos constantes do protocolado n.º 34687/81...

LEIA-SE:

...com os elementos constantes do protocolado n.º 34687/80...

CAMPINAS, AOS 22 DE ABRIL DE 1.981

DR. RUY DE ALMEIDA BARBOSA  
Secretário-Chefe do Gabinete do Prefeito

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

PROTOCOLO N.º

Ind. de: Vereador Rui Amaral, de Carvalho e  
outros.



Protocole-se

Considerando que o Dr. João Belchior Marques Goulart foi um dos brasileiros que exerceram a Presidência da República, após a redemocratização de 1945;

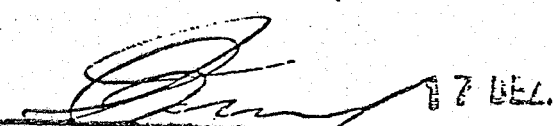
Considerando que ele exerceu a Presidência por ser eleito em pleito livre, por escolha direta do povo, em urnas democráticas e independentes;

Considerando que a sua passagem pela Presidência da República constitui um episódio da nossa história como o último Presidente eleito em pleito direto, de 1964 para cá;

Considerando que antes dele, após a redemocratização de 1945 outros brasileiros ocuparam, também, a Presidência da República e que foram investidos em tais funções, por que eleitos diretamente pelo voto livre do povo brasileiro, sem que Campinas lhes tenha, até hoje, tributado homenagem como esta que os ilustres edis sugerem aqui:

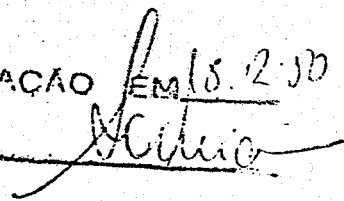
Resolvo que a COAR identifique vias públicas - ruas, praças ou avenidas ainda não denominadas - para receber os nomes dos ex-Presidentes da República Eurico Gaspar Dutra, Café Filho, Jânio da Silva Quadros e João Belchior Marques Goulart.

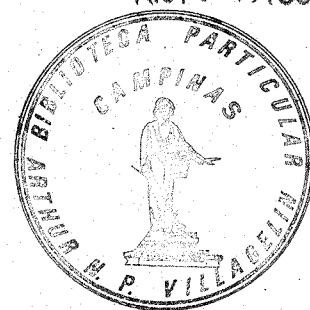
Escluem-se os nomes de Getúlio Dorneles Vargas e Juscelino Kubstchek de Oliveira, já anteriormente homenageados com nome de ruas em nossa cidade e que se incluem no rol - dos que exerceram a Presidência da República após a redemocratização de 1945, por força do voto direto do povo.

  
DR. FRANCISCO AMARAL  
PREFEITO MUNICIPAL

Fôlha de Informações e Despachos

F. 1016 - 215x315  
10.000 - 5/79 - S. 24

PUBLICAÇÃO EM 18.2.80  




Café Filho  
(1899-1970)

João Café Filho nasceu em Natal, Rio Grande do Norte em 1899.

Foi bacharel pela Academia de Ciências Jurídicas e Comerciais do Recife.

Iniciou sua carreira como jornalista de oposição, dirigindo os jornais "Gazeta" (1918) e "Jornal do Norte" (1926) ambos de sua propriedade.

Em 1928 assumiu em Recife a direção do jornal "A Noite" de oposição aos governos federal e estadual. Em 1929, depois de ter sido perseguido e até preso, transferiu-se para o Rio de Janeiro, como redator do jornal "A Manhã". Fez a campanha política da Aliança Liberal.

Vitoriosa a Revolução de 1930, a cujo movimento se filiara, ocupou a chefatura da polícia do seu Estado; elegeu-se depois deputado federal (1934) e acabou exilando-se na Argentina, quando da implantação do Estado Novo (1937). Regressou em 38 e reiniciou as atividades políticas; eleito deputado em 1945, teve atuação destacada, por sua independência, sendo, por vezes, até considerado esquerdista.

Em 1950, elege-se vice-presidente da República, na chapa encabeçada por Getúlio Vargas. Com a morte deste em agosto de 1954, ocupa a presidência por cerca de 16 meses. Seu mandato iria até 31 de janeiro de 1956.

Crises políticas sucessivas, entretanto, são registradas no país, em face da campanha eleitoral. A posição de Café Filho tornar-se-ia dia a dia mais difícil, já que seu governo era suspeito de favorecer um dos candidatos à presidência. No momento mais agudo da crise, Café Filho adoece gravemente e pede licença. Seu substituto legal seria o presidente da Câmara Federal, deputado Carlos Luz. Este, porém, é igualmente considerado suspeito de favorecimento de uma das facções políticas em luta e é declarado impedido, pelo movimento militar que eclodiria, ostensivamente, a 11 de novembro de 1955. Assume, então o governo o presidente do Senado Nereu Ramos, até a posse do novo presidente eleito.

Em 1961, depois de um período em que se confessou extremamente abalado financeiramente, por não ser, sabidamente, homem rico, foi nomeado ministro do Tribunal de Contas do Estado da Guanabara.

Faleceu a 20 de fevereiro de 1970.

(Extraído das páginas 207 e 208 do livro "Biografias de Personalidades Célebres", de autoria da Profa. Carolinna Rennó Ribeiro de Oliveira, editado por Livros Irradiantes S/A., 14a. edição, 1978, São Paulo)

(Decreto nº 6468 de 16-04-1981)



CAFÉ FILHO FAL. A 21.2.1970  
 NASC. NATAL (RGV) A 32.1899  
**Uma vida vivida**

Café Filho morreu de enfarte quinze anos depois de ter sido deposto da Presidência da República por um movimento militar habilmente coordenado pelo General Lott, seu ministro da Guerra. Desde 11 de novembro de 1955 (data que antecede de alguns dias a sua deposição formal pelo Congresso) ele se manteve afastado da política e desde a sua aposentadoria do cargo de ministro do Tribunal de Contas da Guanabara, no ano passado, era apenas um tranqüilo morador do edifício Mamoré, em Copacabana. Morrendo aos 71 anos de idade, antes respondeu aos adversários com dois volumes de memórias, os únicos a romperem os quinze anos de silêncio entre a sua morte e as duas grandes crises que o envolveram: o suicídio de Getúlio, em 1954, e sua própria deposição, em 1955.

**Bacharel dos pobres** — A vida política de Café Filho começa envolta pela lenda do bacharel defensor dos necessitados. Em 1917, defendeu em Natal um criminoso pobre porque não havia quem o fizesse. Na época não era advogado, mas conseguiu a absolvição. Criou fama. Logo depois, em Taipu, aceitou a defesa de pai e filha que depois de viverem maritalmente haviam matado a criança e, mostrando o clima de miséria que levava ao crime, ganhou a causa. De advogado dos pobres, ele foi sendo arrastado para a política com uma irresistível vocação oposicionista. Nos últimos anos da República Velha (anterior a 1930) transformou-se em agitador trabalhista. Liderou os estivadores de Natal numa greve e derrotou os patrões.



Em 1951, vice-presidente da República

25/2/70

Depois, transformou um movimento dos tecelões em greve geral. No Rio, quando souberam da crise, os políticos disseram: "Greve em Natal? Este país está perdido". O país não se perdeu, mas Café teve de desaparecer. Sua casa foi cercada e ele foi para o Recife, viajando num trem postal, misturado com malas de correio. Em 1926 estava de volta a Natal. Lança uma proclamação apoiando a Coluna Prestes e é condenado a três meses de prisão. Foge em busca da Coluna, mas tem de se esconder para não ser prêso.

Com a vitória da Revolução de 1930, tornou-se chefe de Polícia, foi vítima de um atentado a tiros ao deixar o pôsto e foi eleito deputado federal para a a Constituinte de 1934. Café Filho foi um dos poucos políticos que nunca deixaram de acreditar que Getúlio soubesse do levante comunista de 1935 e que esperava sua eclosão para sair ganhando da crise. Um amigo que estivera no Catete lhe disse, no dia 26 de novembro, que a revolução ia estourar. No dia seguinte, estourou. Antes mesmo do golpe final de 1937, Vargas começou a perseguir a oposição. Um dos mais visados foi Café Filho. Tentaram prendê-lo, mas ele conseguiu escapar. "Levaram papéis e um revólver de minha propriedade, que até hoje, nem quando eu fui presidente, não me foram devolvidos." Antes que o capturassem asilou-se na Embaixada da Argentina, para onde foi curtir o exílio do Estado Nôvo.

**Coerência** — De 1950 em diante, Café Filho procurou manter a coerência entre o político impulsivo do interior e o mundo de intrigas em que vivia na capital, já vice-presidente da República. Na crise de 1954, que culminou no suicídio de Vargas, ele se recolheu ao máximo. Não foi um defensor do presidente, porque essa defesa parecia impossível, mesmo para o advogado acostumado a vencer causas impossíveis, e não daria resultado algum diante da crescente pressão militar. No dia 24 de agosto chegou à Presidência da República como simples sucessor legal de Vargas, mas não como chefe do movimento que o havia levado ao suicídio. Ganhou inimizades entre os amigos e familiares do presidente morto. Formou um ministério considerado como de união nacional e de alto nível. Em outubro de 1955, o candidato da coligação PSD-PTB, Juscelino Kubitschek, derrotou o candidato da UDN, General Juarez Távora, que tinha sido chefe da Casa Militar de Café Filho, e elegeu-se presidente da República. Desde o momento em que foi reconhecido o resultado das urnas até a madrugada de 11 de novembro, o país viveu debaixo da "dúvida da posse". Os setores mais radicais do Exército não admitiam a volta dos correligionários de Getúlio. Café estava mais próximo dos militares



No fim, simples morador da Copacabana

que de Juscelino, mas, segundo depoimentos de muitos, nunca tomou qualquer medida ostensiva contra ele. Quando emissários de Kubitschek e Goulart foram pedir garantias para a posse, respondeu: "Se houver golpe, será contra mim".

**A bola de neve** — Em novembro a previsão se confirmou. A bola de neve da crise militar cresceu com um discurso do então Coronel Jurandir Bizarria Mamede contra os eleitos. No dia 2 de novembro, Café teve um enfarte em sua residência. No dia 8, licenciou-se e passou o governo a Carlos Luz, presidente da Câmara. No dia 10, Carlos Luz exonerou o General Lott do Ministério da Guerra e nomeou o General Fiuza de Castro. Na madrugada do dia 11, os generais Teixeira Lott e Odylo Denis assumiram o controle do país e entregaram o governo ao vice-presidente do Senado, Nereu Ramos, pessedista catarinense. Café não retornaria mais ao Catete. Para Lott, o movimento era um contragolpe e destinava-se a empossar os eleitos. Para os inimigos de Juscelino, tudo aquilo não passava de um golpe militar. E, para Café Filho, foi um golpe do qual ele não se refez.

Poucas vezes na História do Brasil se mobilizou um aparato militar tão poderoso contra uma só pessoa como o que o General Lott utilizou em novembro para cercar o edifício Mamoré. O espetáculo, entre o exagerado e o curioso, foi justificado pelo próprio Lott: "Isso foi feito para que o Doutor Café saiba que não tem nenhuma possibilidade de reagir sem ser esmagado. Eu sei que, se ele a tivesse, reagiria".

Café Filho morreu fora da política e sabia, como escreveu em suas memórias, que "temos, todos que vivemos, uma vida que é vivida e uma outra que é pensada. Seguir, cada um, o seu destino importará em não perder a vida, dividindo-a entre a verdadeira e a errada". ○

24.8.1954 - 9.11.1955

CAFÉ FILHO

Seu sucessor, o Vice-Presidente Café Filho, nascido no Rio Grande do Norte, tomou posse automaticamente no cargo e nele permaneceu até novembro de 1955, quando passou o cargo ao Presidente da Câmara, Carlos Luz, por motivos de saúde. Por sua vez, o Sr. Carlos Luz foi declarado impedido pelo Congresso, após uma intervenção do Ministro da Guerra, General Teixeira Lott. Em consequência, o próprio Congresso empossou o Vice-Presidente do Senado Nereu Ramos.

O Senador catarinense Nereu Ramos permaneceu ao Governo até 31 de janeiro de 1956, quando passou o Poder a Juscelino Kubitschek, eleito em outubro do ano anterior.



Com a morte de Vargas, tomava posse do cargo o vice-presidente Café Filho, natural do Rio Grande do Norte. Permaneceu na chefia da Nação até novembro de 1955, quando transmitiu o cargo ao presidente da Câmara dos Deputados, sr. Carlos Luz, por motivos de saúde. Café Filho havia sofrido uma crise cardíaca. Mais tarde, por ocasião do lançamento de suas memórias, o ex-presidente voltaria a insistir que não tinha qualquer objetivo político ao licenciar-se do cargo, em 1955.



SR. CAFÉ FILHO

João Café Filho — com a morte de Getúlio Vargas assumiu o governo o vice-presidente João Café Filho que desenvolveu o mandato em curto espaço de tempo, dentro de ambiente dos mais tensos e sob completo (embora distorcido) domínio das Forças Armadas, acabando por renunciar o posto, dizem que obrigado a fazê-lo.

VIASSOU A PORTUGAL EM  
19.4.1955. CHEGOU A  
PORTUGAL EM 22.4.  
Ver Almanaque Bertrand  
de 1956